

A GRINALDA.

PERIODICO LITTERARIO.

Publica-se todos os domingos: assigna-se por 600 rs. mensaes, e vendem-se a 160 rs. os ns. avulsos.



52
5569

Eis a *Grinalda*.

Dous pensamentos intrepidos, para quem a coragem é um dever, e o temor uma vileza, quando se trata de emprezas reclamadas pela illustração, e progresso do paiz; dous corações que, apezar da frouxidão e desesperança do seculo, ainda leem no livro do futuro alguma cousa digna dos sacrificios da mocidade, fechando os olhos á morte de quantas folhas desta natureza, cheias de vida, e resplandecentes de gloria, tem expirado instantes depois de seu nascer, vão apresentar com ella mais um desses gloriosos exforços, que, mesmo quando malogrados, legam áquelles, que os fazem, fama que, si é esquecida pela injustiça, e ingratidão dos contemporaneos, raras vezes deixa de grangear os elogios e applausos da posteridade. Conscios entretanto de sua exiguidade nada promettem, senão quanto estiverem si; e bem certos de que nos vastos campos da litteratura só poderão colher mesquinhos flores, com elles vão tecer a grinalda, que ora depositam no seio da patria com o mesmo affecto, singeleza, e dedicação, com que o filho amante deposita no seio de sua adorada māi o ramalhete que colhera em suas excursões infantis. Semelhante á uma dessas plantas que, nascidas em dias tempestuosos, encaram com a coragem da innocencia o raio prestes a ferir-as, o furacão disposto a despedaçal-as, e muitas vezes a serpente entrelaçada em scus ramos, ella se entrega aos furores deste

mundo todo egoismo e ambição, todo soberbo com as suas baixezas, todo oppulento com as suas miserias, disposto a conservar, apezar de tudo, o muitas vezes fanatico prestigio de suas antiguidades, em defesa das quaes tem sempre assestados seus dardos de mil modelos.

Soberana porém em sua humildade, quanto docil em suas crenças, está disposta á ouvir, e aceitar mesmo agradecida as lições prudentes das intelligencias illustradas, assim como á desprezar o latir dos zoilos; e entre os sarcasmos da ignorancia, baldões do pedantismo, epigrammas da mordacidade, apresentará a calma do recem-nascido nos mares, que dorme sonno solto sobre o dôrso encapelado das ondas, embalado pela tempestade.

A poesia, e a historia são os jardins, onde os seus redactores pretendem fazer maior colheta: alguns artigos, porém, escriptos *ad libitum*, contribuirão quanto for possivel para que a folha se não torne monotona. Todas as condições apresentadas no programma já publicado serão escrupulosamente satisfeitas: finalmente os redactores da *Grinalda* nada pouparão para que a sua folha se torne digna da attenção de todos aquelles, que a quizerem honrar com a sua leitura.

OS TUMULOS.

INTRODUCÇÃO.

Eu viajo por uma estrada, que muito pouco conheço: todos os dias a encontro nova, e

uma potencia invisivel se me trava adiante para com dextra magica desenhar á cada passo diante de meus olhos jardins, palacios, arenas lastradas de coroas, e palmas triumphaes, cofres pejados de riquezas desmedidas, glorias á cada passo diversificadas, e cada qual mais seductora. Attrahido pelos seus encantos corro como um louco para elles, porém quando se não sommem antes que eu possa tocal-as, desapparecem-me entre as mãos, ou por mais que dellas me aproxime sempre as encontro na mesma distancia. Entretanto, ao lume de uma alampada, que por vezes me esclarece a marcha, tudo muda de face: os fantasmas sommem-se: o caminho se me apresenta lastrado de precipicos: paro então sem querer, transido de horror e de angustia; e no meio de tudo isto, não podendo supportar o terrivel aspecto da realidade, apago a alampada, chamo os meus fantasmas, e continuo a divertir-me com as minhas illusões.

À bom preço, porém, tenho pago arrôjo tão insensato. Distraido pelas imagens fascinadoras de meus sonhos, á cada passo tropeço e caio: rolo de abysmo em abysmo, de precipicio em precipicio, e delacerado o coração por venenosos vermes, de que elles tanto abundam, só me curam as feridas o tempo, e as lagrimas: então levanto-me e prosigo com passo inferno, illuminado pelo meu phanal, que de novo accendo. No entanto, já vou sentindo, que meus olhos embaciados pelo pranto, e meu coração, ulcerado por tantas chagas observam com mais coragem a verdade, e com menos entusiasmo a mentira. Já me não enfeitiçam tanto essas estrelas de gloria que, tão brilhantes, e em tão grande copia se deixam ver no firmamento da esperança do joven; mas tambem ainda me não acostumei com as asperezas do cilicio da razão: meu ser ainda é uma arena em que se batem estas duas idéas oppostas: mundo, e verdade —, entrincheirados, esta no pensamento, e aquelle no coração.

Em um momento, em que esses dous inimigos se davam em mim bem forte, e renhido combatte; em uma dessas horas, em que o espirito nescessita de repartir-se com a natureza, ou recebel-a em si como o unico nectar capaz de moderar o amargor do fel, que lhe derrama o pensamento; em uma dessas noites de meditação, e de dor, em que pondo o livro negro do meu passado na estante do presente, devoro-lhe as paginas amargas, depois de ler nellas para meu futuro uma sentença de desesperação; minha alma pesando na balança do amor proprio o seu nada, lembrando seu esquecimento, e comparando sua desgraça com tantas felicidades, sua fraqueza com tantas forças, e sua miseria com tantas grandezas, partida por uma espada de agonia dividio-se em duas partes, uma desfeita em pranto cahio sobre a terra, em quanto a outra, nas azas de um olhar, que se erguia para o firmamento voou para os céos transformada em um pensamento de fé. Senti-me então arrebatado por um prodigioso extasis. De um ponto que ainda desconheço pude ver todos os povos, e gerações do mundo, caminhando em circulo sobre uma esfera que se equilibrava nas nuvens. Tudo porém soffria um terrivel cataclismo, porque depois de descreverem um arco mais ou menos longo, precipitavam-se n'um campo sem sim, que por baixo da esfera se estendia. Para ahi vi rolarem imperios sobre imperios, cidades sobre cidades, e ficarem reduzidos a miseraveis combros de pó. Povos de todas as nações, edades e classes cahiam aos montes tornados em cadaveres, havia entretanto alguma distincção nas quedas. Os avarentos e os reis com os braços alçados, parecia ainda quererem agarrar, aquelles os cofres, e estes os sceptros e os diademas, que desfeitos em cinzas lhe cahiam sobre as faces; em quanto que o pobre estendia a dextra para a terra como para pedir-lhe a sua ultima esmola. Mas apenas chegavam ao pavimento, terminavam as dife-

renças; os thronos cresciam a inversa, e os soberanos tinham de contentar-se com o seu cortejo de vermes, e com o seu banquete de terra: consentiam que os plebeos dormissem á seu lado, e na mesma posição, e assim tive de ver juctos, e em plena tranquillidade os mais abjectos escravos, com os mais oppulentos Senhores, e ao pé dos mais vis de seus soldados, Cesar Alexandre, e o Leão formidavel da Corcega:

Em quanto me demorava na contemplação destas maravilhas, repentinamente uma nuvem de bronze dominou todo o espaço dos céos: tudo ficou cm trevas, e o ribombo de um trovão parecia varrer os astros, e despedecer o firmamento. Meus olhos instinctivamente para elle se voltaram. Do lado do occidente se abria uma porta de luz, por onde um genio descia voando.

Uma tunica roxa lhe descia do collo até os pés, onde ia encontrar-se com as pontas semi-negras de suas azas côn de cinza. Trazia na sinistra uma tocha, e na direita uma razoira. Chegou ao campo dos mortos: (por um pouco cessou a chuva dos cadaveres) afincou no chão a tocha, e correu a razoira por todo o espaço ocupado. Lançou para todos os lados olhares perscrutadores, e depois erguendo a voz assim bradou: Nações grandes ou pequenas, reis e vassallos, escravos e senhores, terra e firmamento, de que vos servem vossas pompas, ou andrajos, soberba ou humildade, força ou fraqueza; trevas ou luz?... si não, ou piscotorias esbarraes com igual naufragio nas praias do meu domínio?! Conferio-me o céo o poder de nivelar-vos, como elle vos nivelou; e confiou-me a vossa guarda para vos levar inteiros ao unico e verdadeiro juizo, quando soar a trombeta da vida nesta terra de mortos: eu o satisfarei: daqui nenhum grão de terra se levantará mais do que outro, porque o vento da soberba não sopra nestes lares.

Humildes, eis o monumento de vossa gloria..

Potentados, eis o pregão de vossa miseria!!

Grandezas humanas, eis o spectaculo do vosso nada!!

Ao estridor destas ultimas palavras tornou á mim: tinha dormido tres horas.

Tudo isto sei eu, que foi um sonho, porém fez-me tal emoção, que desde esse acontecimento não se passa uma só noite, em que eu não tribute à morte algumas horas de meditação. O complexo dos pensamentos nellas colhidos forma a somma dos escriptos a que intitulei — Os Tumulos. — Alguem os leu, á cujas instancias obriguei-me a publical-os: assim em falta de melhor materia, sahirão impressas fracções deste trabalho nos numeros da presente folha.

A EMULAÇÃO.

.... On verra ce que peuvent la vertu, la science, e l'autorité animées d'une noble émulation, et travaillant de concert à la facilité du genre humain.

(Rousseau — Discours sur les sciences et les arts.)

Para que uma nação floresça, e no imenso theatro do mundo represente um papel grandioso e sublime; para que os seus annaes — como um phanal — resplandesçam vislumbrantes no porvir — após haverem deixado no caminho dos séculos um sulco indelevel de luz, que illumine a estrada, que ainda tem de transitar as gerações por vindoiras; — para que finalmente uma nação atinja o apogeo da grandeza e da gloria, força é que primeiro ella imagine para si um futuro grande, e comprehenda, que tem de preencher na terra uma por demais importante missão, que superior não é ás suas forças, — e que depois cheia de vida, cheia de exforços, e afanosa trabalhe para converter n'uma realidade aquillo, que repousa em sua mente como um sonho ainda; — mas para que esse movimento animador se dê no seu organismo, para que a sua vida social vigore,

cumpre, que se arranke do seu seio todo o principio máo, capaz de perverter sua organisaão, e consequentemente fazer desinhar a sua vida de tal sorte, que venha á descahir n'um estado de marasmo, e perecer a nação, primeiro que tenha podido chegar á quadra do seu brilhante florecer.

Além de outros, o principio mais pernicioso, que damnisica a vida de uma nação é o enregelado indifferentismo para tudo quanto a pôde engrandecer; e de um veneno semelhante é o verdadeiro antidoto a *emulação*.

Uma vez sabendo aquelle, de quem dependem os destinos de um povo, ministrar-lhe esse remedio efficaz e regenerador, sentirá, vendo esse povo erguer-se cheio de vida, rico de esperança, e brilhante de virtudes, coar-lhe n'alma o prazer indisivel, que sente o filho de Hypocrates, quando com os exforços de sua arte consegue restituir á vida um seu semelhante, que luctava nas vascas da morte; ou como o que devia de ter sentido o grande escravo de Putiphar, derramando a abundancia por todo o Egypto, que desinhava nas garras da miseria e da fome. O meio unico pelo qual se pôde no seio de uma nação despertar esse sentimento sublime, é conhecer as diversas indoles dos individuos, que a compõe, e applical-as aos diferentes magisterios, que lhes são adequados, e jamais contrarial-as; porque então as sciencias e as artes nunca chegariam ao summo grão de perfeição possivel;—assim por exemplo—aquele individuo cujo talento fosse para as mathematicas em todo o periodo de sua vida a despeito dos seus maiores exforços não poderia ser bom medico, e assim por diante.

Isto posto, bem se vê que as sciencias, e as artes apresentariam brilhantes resultados, e tanto mais, quanto mais apreciados fossem elles, e o talento no respeito de todos os homens encontrasse a sua recompensa. D'est-

arte procederam os grandes monarchas em todos os tempos, e em todas as nações, procurando sempre infundir nos corações de seus povos esse sentimento grandioso, e nobre, a *emulação*; e foi por isso que o grande Egypto sob o dominio de Sesostres se elevantou tão alto, e poderoso, que á elle se curvaram submissos os Arabes, os Gregos, os Romanos, e os Turcos, e tornou-se o berço das sciencias, e das artes; foi por isso tambem que a Grecia já deu leis ao mundo, foi por isso que Roma foi do mundo a capital; foi por isso que essa afamada metropole de Oriente Constantinopla, quasi torna-se a metropole de todas as nações, e da mesma sorte a Persia, a Scytia, a Germania, e muitas outras, por terem monarchas que zelassem o seu bem, e promovessem a sua grandeza, e a sua felicidade, arremessaram atravez dos tempos até os nossos dias os seus nomes luminosos; que tem de romper sempre fulgurantes todas as eras até a consummação dos seculos. Assim pois é, como diz o grande Rousseau, o nobre sentimento de *emulação*, que unico pôde fazer a felicidade do genero humano, vigorando para tal fim todas as virtudes, e todas as authoridades; e a nação que em seu seio não alimenta esse sentimento, enerva-se, e morre abafada pelo indifferentismo.

D'est'arte o Brasil nunca poderá sahir d'este miseravel estado de apathia, em que jaz, se aquelles que se devem de interessar pelos seus altos destinos, não se esforçarem por arrancal-o delle, e por arrancar-lhe o cancro, que lhe roe as entradas, e que ha de fazer que o Colosso Americano desapareça do quadro das nações, de sobre a face da terra, não tendo representado mais do que a mesquinha figura de um pigmeu, já envelhecido e cachetico na sua infancia, ou a figura de um avarento, que no seio da oppulencia vive coberto de emprestados andrajos. Houvesse emulação no Brasil, fosse procurado o talento, e a virtude, onde quer

que elles existam isolados no mais escuro recanto, e em vez das vaias, e baldões que sobre elles chovem lá mesmo em seu retiro, respeitassem a fulgurante aureola de gloria, que lhes adorna a fronte, e em seus corações lhes erigissem os homens um pantheon: então o gigante da America, primeiro que o tempo em seu perpetuo, e invariavel caminhar o esmagasse debaixo das suas plantas, e o arremessasse para a foz negra do olvido, se ostentaria magestoso e radiante de virtudes, como o céo resplandecente com os milhões de astros, que fulguram na sua azulada cupula; e a sua historia seria tão gloriosa como a de todas as outras nações, em cujos seios teem florescido as sciencias, e as artes.

O INFELIZ.

I.

Na hora de mago encanto,
Em que toda a natureza
Envolta em sombrio manto
Se entrega á doce tristeza,
Desgraçado trovador
Para atenuar a dôr,
Que o peito lhe atassalhava,
N'uma triste solidão
Do fundo do coração
Estas endeixas soltava :

II.

Eu soffro ! ... e como não sei
Se o meu soffrer terá fim,
Por estas faces correi,
Correi, lagrimas, assim....
Levae no vosso amargor
O negro fel d'esta dôr,
Que roe-me d'alma a raiz :
Nada ha no mundo, que tanto
Acalente, como o pranto,
As magoas de um infeliz.

III.

E esta dôr, que noite, e dia
Me atormenta sem piedade,

Só meu pranto é que alivia,
Que lhe quebra a intensidade :
Assim que devo chorar,
Por que não posso encontrar
Na terra alivio maior ;
Quando lagrimas derramo,
Na dôr ditoso me aclamo,
Encontro prazer na dôr.

IV.

Quanto soffro o mundo ignora,
Por que esconde com cautella
A dôr desesperadora,
Que constante me atropella.
Só de Deos socorro espero,
D'este mundo nada quero,
Nada preciso do mundo ,
Que tudo, que é d'elle é vão
Como elle, e o meu coração
Sabe avalial-o á fundo.

V.

Que é dos amigos de outr'ora,
Que já tanto me cercaram ?
Debalde os procuro agora....
Já todos me desprezaram !
E como não desprezar
Um triste, que para dar
Só tem suspiros, e ais ?
Um triste que vive affeito
Á gemer, e que no peito
Só tem magoa, e nada mais ?

VI.

Nescio fui eu, que julguei
Que os mesmos sempre seriam ;
Porém agora é que sei
Quanto ingratos me illudiam !
Apenas assim me viram,
Dos seus seios me expelliram
Co' o mais barbaro rigor,
Um peito existe sómente
Como o infinito, e que sente
Infinito a minha dôr.

VII.

*Hoje até vivo privado
Dos carinhos maternas,
E sobre a terra-isolado
Só me acompanham meus ais !
Sem haver um coração,
Aonde os meus males vão,
Como outr'ora achar abrigo ! . . .
Que hoje por vêrem-me assim
Fogem os homens de mim,
Só meus ais vivem comigo ! . . .*

VIII.

*Minha Māi, se n'este estado
Chegassem á vêr-me um dia,
Vosso peito assoberbado
De angustias estalaria :
Vendo o Filho tão querido,
Tão por vós estremecido
Á sofrer de vós ausente
Todo o peso da desgraça,
Sem haver quem lhe desfaça
Metade da dôr que sente.*

IX.

*Porém Deus para poupar-vos
Este golpe tão atroz,
Quiz minha dôr occultar-vos
Ausentando-me de vós.
Quiz comvosco a Divindade
Por Sua Immensa Bondade
D'est'arte usar de clemencia ;
Pois sem que testemunheis
A minha dôr, sentireis
A dôr sómente da ausencia.*

X.

*Qual de espetros um concerto
Medonho, triste, e funereo
Parece ouvir-se em deserto
Derrocado cemiterio :
Se ouve em meu peito o gemer*

*Do espetro do meu prazer
Nas garras da minha dôr,
Que as entradas me trapassa,
Bem como as sombras devassa
Negro fantasma de horror.*

XI.

*Qual desabrocha na terra,
Que de um crâneo a carcomida,
Carunchosa concha encerra
Triste flor quasi sem vida,
Que ao brando sopro da brisa,
Que entre as ramas se deslisa
Dos ciprestes, se embalança ;
Apezar da dôr, que o rala,
No meu coração se embala
Tambem a flor da esperança,*

XII.

*Na doce crença de um Deos
É que nutro esta esperança :
De que um dia aos males meus
Ha de succeder bonança.
Que o fel da minha agonia
Ha de em nectar de alegria
Finalmente se mudar.
E esta erp'rança é que me alenta
Contra a dôr que me atormenta
Noite, e dia sem cessar.*

XIII.

*E d'esta alma o que seria,
Se houvesse de Deos descrido ?
Já de ha muito que teria
Á tanta dôr succumbido.
Oh ! ditoso o que procura
Remedio á sua amargura
Na crença da Divindade.
O premio aos martyrios seus
Recebe das mãos de um Deos
No scio da Eternidade.*

C. J. GOMES DE SOIZA,